COMUNICAÇÃO ORAL - CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

DANÇAS TRADICIONAIS AMAZÔNICAS: O MARABAIXO E O BATUQUE COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE PARA MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Auriane Do Socorro Costa Pinto (auriacosta@gmail.com)

Samanda Nobre Do Carmo Saboia (samanda.saboia@gmail.com)

Mesaque Silva Correia (mesaquesilvacorreia@ufpi.edu.br)

Bruna Gabriela Marques (bruna.marques@saojudas.br)

O objetivo deste texto é analisar as significações produzidas por mulheres vítimas de violências no processo de uma experiência dançante orientada pelos princípios da Educação Popular em Saúde. Em termos metodológicos, a pesquisa é caracterizada como qualitativa do tipo pesquisa-ação. Participaram do estudo 10 (dez) mulheres vítimas de violência atendidas pelo Centro de Referência de Atendimento à Mulher – CRAM-AP, que aceitaram participar da experiência dançante voluntariamente mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. As danças amazônicas (Marabaixo e Batuque), bem como o corpo, foram utilizadas como técnicas de produção de dados. A experiência dançante foi organizada em 5 (cinco) encontros e os encontros foram sistematizados à luz do itinerário do Círculo de Cultura

freiriano. No primeiro encontro, exploramos o corpo dançante das participantes, do qual conhecemos mais sobre elas e suas experiências com a violência. Nesse primeiro encontro, escolhemos coletivamente o Marabaixo e o Batuque como danças orientadoras da experiência. No segundo encontro, vivenciamos a dança do Marabaixo em nossos corpos; no desenvolvimento da experiência, o corpo se fez gente. Foi um momento de partilha da criação solidária do saber sobre a dança e tematização da dor, a dor que, para essas mulheres, é sempre uma ferida aberta. No terceiro encontro, vivenciamos a dança do Batuque em nossos corpos; no desenvolvimento da experiência, o corpo se fez território. Foi um momento em que, ao som da batida do tambor, o corpo se fez espírito, terra, luta, justiça, resistência. Foi o momento da problematização da vida em interface com a violência de maneira crítica. No último encontro, nossos corpos se reencontraram com as duas danças e com seus horizontes culturais, e libertários. Foi um momento de esperançar com a justiça e com a cura da dor. Por intermédio da experiência dançante, foi possível compreender que a dança do Marabaixo e do Batuque, como danças insurgentes, trazem para os corpos dessas mulheres a força, a bravura e a vontade de vencer. Concluímos que, no contexto da educação popular em saúde, as danças populares de resistência apresentam-se como uma potente estratégia de saúde, que ajuda na promoção da saúde física, emocional e social. Entretanto, para que haja intervenção positiva no processo dança-violência de forma a promover a saúde, faz-se necessários atentar-se para alguns elementos, as mulheres, a violência, os objetivos mediatos e imediatos, a reciprocidade no ato de dançar, a criação da dança e a partilha das emoções e sensações.

Palavras-chave: mulheres vitimais de violência; danças amazônicas; promoção da saúde; educação popular em saúde.